



Núcleo de Tradução das Sociais

O presente texto foi modificado para otimizar arquivos PDF, o processo envolve a separação de uma página em duas, e o reconhecimento de texto em imagens, de maneira que o arquivo se torne grifável por meio de programas OCR (Optical Character Recognition).

Vale lembrar que, a disponibilização de arquivos digitais de qualidade na faculdade também é uma pauta de permanência estudantil, uma vez que a experiência de leitura – tão crucial num curso de ciências sociais – é extremamente influente no processo de entendimento do material.

Caso tenha interesse em participar do nosso projeto, entre em contato no instagram: @nts.usp

Disponibilizado por Leandro Moura dos Reis

1934

As Técnicas Corporais



Marcel Mauss

CAPÍTULO I

NOÇÃO DE TÉCNICA CORPORAL

Digo expressamente *as* técnicas corporais porque é possível fazer a teoria *da* técnica corporal a partir de um estudo de uma exposição, de uma descrição pura e simples *das* técnicas corporais. Entendo por essa palavra as maneiras como os homens, sociedade por sociedade e de maneira tradicional, sabem servir-se de seus corpos. Em todo caso, é preciso proceder do concreto ao abstrato, e não inversamente.

Desejo participar-lhe aquilo que creio constituir uma das partes de meu ensino que não é encontrada em outros lugares e, repito, em um curso de etnologia descritiva (os livros que conterão as *Instruções sumárias* e as *Instruções para uso de etnógrafos* acham-se em via de publicação), e que já coloquei em experiência por diversas vezes em meu magistério no Instituto de Etnologia da Universidade de Paris.

Quando uma ciência natural faz progressos, é sempre no sentido do concreto, e sempre em direção ao desconhecido. Ora, o desconhecido encontra-se nas fronteiras das ciências, ali onde os professores “devoram-se entre si”, como diz Goethe (digo devorar, mas Goethe não é polido assim). Geralmente, é nesses domínios mal partilhados que jazem os problemas urgentes. Aliás, esses terrenos baldios trazem uma marca. Nas ciências naturais, tais como elas existem, encontra-se sempre uma rubrica indigna. Há sempre um momento em que, não estando ainda a ciência de certos fatos reduzida a conceitos, não sendo tais fatos sequer agrupados organicamente, implanta-se sobre essas massas de fatos a baliza de ignorância: “diversos”. É aqui que cumpre penetrar. Estamos certos de que é aqui que há verdades a descobrir: inicialmente, porque sabemos que não sabemos, e também porque tem-se o sentimento vivo da quantidade de fatos. Por muitos anos, em meu curso de etnologia descritiva, tive que ensinar arcando com esta desgraça e este opróbrio de “diversos” em um ponto em que a rubrica

“diversos”, em etnografia, era realmente heteróclita. Sabia muito bem que o caminhar, a natação, por exemplo, todas as espécies de coisas deste tipo, são específicas de sociedades determinadas; que os polinésios não nadam como nós, e que minha geração não nadou como nada a geração atual. Mas que fenômenos sociais eram estes? Foram fenômenos sociais “diversos”, e, como esta rubrica é uma abominação, tenho pensado freqüentemente nesse “diversos”, pelo menos cada vez que tenho sido obrigado a falar deles, e muitas vezes no entretanto.

Desculpem-me se, para formar diante de vocês esta noção das técnicas corporais, relato em que ocasiões persegui e como consegui colocar com clareza o problema geral. Para que isso ocorresse uma série de passos foram dados consciente e inconscientemente.

Antes de tudo, em 1898, estive ligado a alguém cujas iniciais ainda me lembro bem, mas cujo nome não mais me recordo. Tive preguiça de investigá-lo. Foi ele quem redigiu um excelente artigo sobre a “Natação” na edição da *British Encyclopaedia* de 1902, então em curso. (Os artigos “Natação” das duas edições seguintes tornaram-se não tão bons.) Ele me mostrou o interesse histórico e etnográfico da questão. Foi um ponto de partida, um quadro de observação. Em seguida — eu mesmo tinha dado por isso — assisti à transformação das técnicas de natação ainda durante o desenrolar de nossa geração. Um exemplo colocar-nos-á imediatamente no meio do problema: nós, bem como os psicólogos, biólogos e sociólogos. Outrora, ensinávamos a mergulhar depois de termos nadado. E quando nos ensinavam a mergulhar, ensinavam-nos a fechar os olhos, depois a abri-los na água. Hoje em dia a técnica é inversa. Toda a aprendizagem é começada habituando a criança a permanecer na água com os olhos abertos. Assim, antes mesmo que elas nadem, são exercitadas sobretudo a domar os reflexos perigosos, mas instintivos, dos olhos; elas são familiarizadas antes de tudo com a água, inibem-se seus medos, cria-se uma certa segurança, selecionam-se paradas e movimentos. Há, portanto, uma técnica de mergulho e uma técnica de educação do mergulho que foram descobertas em minha época. E, como vêem, trata-se realmente de um ensino técnico, havendo, como para toda técnica, uma aprendizagem da natação. Por outro lado, nossa geração, aqui, assistiu a uma transformação completa da técnica: vimos o nado “clássico” e com a cabeça para fora da água ser substituído pelos diferentes tipos de *crawl*. Além disso, perdeu-se o costume de engolir água e cuspi-la. Em meu tempo, os nadadores consideravam-se espécies de navios a vapor. Era estúpido, mas, enfim, ainda faço esse gesto: não

posso desembaraçar-me de minha técnica. Eis, pois, uma técnica corporal específica, uma arte gímnica aperfeiçoada de nossa época.

Mas esta especificidade é o caráter de todas as técnicas. Um exemplo: durante a guerra, pude fazer numerosas observações sobre esta especificidade de técnicas. Uma delas foi a de *cavar*. As tropas inglesas com as quais eu me encontrava não sabiam utilizar pás francesas, o que obrigava a trocar 8.000 pás por divisão quando substituíamos uma divisão francesa, e assim inversamente. Eis, à evidência, como um giro da mão é lentamente aprendido. Toda técnica propriamente dita tem sua forma.

Mas o mesmo acontece com toda atitude corporal. Cada sociedade tem hábitos que lhe são próprios. Na mesma época, tive muitas ocasiões de perceber diferenças de um exército para outro. Uma anedota a propósito da *marcha*. Todos sabem que a infantaria britânica marcha com um passo diferente do nosso: diferente na freqüência, de outro comprimento. Não faço, por enquanto, nem do balanceio inglês, nem da ação do joelho, etc.. Ora, o regimento de Worcester, tendo realizado proezas consideráveis durante a batalha de Aisne, ao lado da infantaria francesa, solicitou autorização real para ter toques e baterias francesas, um conjunto de clarins e de tambores franceses. O resultado foi pouco encorajador. Durante quase seis meses, nas ruas de Bailleul, muito tempo depois da batalha de Aisne, vi muitas vezes o seguinte espetáculo: o regimento conservava a marcha inglesa e ritmava-a à francesa. Havia até, à frente da bateria, um pequeno sargento dos caçadores, francês, que ia a pé e, sabendo tocar clarim, tocava as marchas melhor que seus homens. O infeliz regimento dos grandes ingleses não podia desfilar. Tudo era discordante em sua marcha. Quando tentava marchar num passo certo, era a música que não marcava o passo. De forma que o regimento de Worcester foi obrigado a suprimir os toques franceses. De fato, os toques que foram adotados de exército para exército, outrora, durante a guerra da Crimeia, foram toques de “de repouso”, a “retirada”, etc. Assim, vi de maneira bastante precisa e freqüente, não só no que dizia respeito à marcha, mas também à corrida e ao restante, a diferença das técnicas elementares, bem como esportivas, entre ingleses e franceses. Curt Sachs, que viveu nesse momento entre nós, fez a mesma observação. Falou dela em diversas conferências. Ele reconhecia a longa distância a marcha de um inglês e de um francês.

Mas tratava-se de simples aproximações ao tema.

Uma espécie de revelação me veio no hospital. Eu estava en-

fermo em Nova Iorque. Perguntava-me onde já vira senhoritas caminharem como minhas enfermeiras. Tinha tempo para refletir sobre o assunto e, afinal, descobri que fora no cinema. Ao voltar à França, observei, sobretudo em Paris, a freqüência desse passo; as mocinhas eram francesas e andavam também daquela maneira. De fato, as modas do caminhar americano, graças ao cinema, começavam a chegar até nós. Era uma idéia que eu podia generalizar. A posição dos braços, das mãos caídas enquanto se anda, formam uma *idiosinerasia* social, e não simplesmente um produto de não sei que agenciamentos e mecanismos puramente individuais, quase que inteiramente psíquicos. Exemplo: creio poder reconhecer também uma moça que tenha sido educada em um convento. Ela anda, geralmente, de punhos fechados. E recordo-me ainda de meu professor da terceira série, interpelando-me: "Seu animal! O tempo todo com essas mãozorras abertas!" Existe, portanto, igualmente uma educação do andar.

Outro exemplo: há *posições da mão*, no repouso, convenientes ou inconvenientes. Assim, podem adivinhar com segurança que se uma criança se senta à mesa com os cotovelos junto ao corpo, e, quando não está comendo, com as mãos nos joelhos, que ela é inglesa. Um jovem francês não sabe mais se dominar: ele abre os cotovelos em leque, apóia-os sobre a mesa e assim por diante.

Enfim, na *corrida*, assisti também, como todos os senhores, à transformação da técnica. Imaginem que meu professor de ginástica, um dos melhores saídos de Joinville, cerca de 1860, ensinou-me a correr com os punhos junto ao corpo: movimento completamente contraditório a todos os movimentos da corrida; foi necessário que eu visse os corredores profissionais de 1890 para compreender que era preciso correr de outra maneira.

Tive pois, durante numerosos anos, esta noção da natureza social do "*habitus*". Peço que observem que digo em bom latim, compreendido na França, "*habitus*". A palavra traduz, infinitamente melhor que "hábito", o "exigido", o "adquirido" e a "faculdade" de Aristóteles (que era um psicólogo). Ele não designa esses hábitos metafísicos, esta "memória" misteriosa, tema de volumes ou de curtas e famosas teses. Esses "hábitos" variam não simplesmente com os indivíduos e suas imitações, mas, sobretudo, com as sociedades, as educações, as conveniências e as modas, com os prestígios. É preciso ver técnicas e a obra da razão prática coletiva e individual, ali onde de ordinário vêem-se apenas a alma e suas faculdades de repetição.

Assim, tudo me conduzia um pouco à posição de que nós somos,

aqui, em nossa Sociedade, um certo número que, sob influência do exemplo de Comte: — Dumas, por exemplo — nas relações constantes entre o biológico e o sociológico não deixa grande lugar ao intermediário psicológico. E concluí que não se poderia ter uma visão clara de todos esses fatos, da corrida, do nado, etc., se não se introduzisse uma tríplice consideração em lugar de uma única consideração, quer fosse ela mecânica e física, como em uma teoria anatômica e fisiológica do andar, quer fosse, ao contrário, psicológica ou sociológica. É o tríplice ponto de vista, o do "homem total", que é necessário.

Enfim, uma outra série de fatos se impunha. Em todos esses elementos da arte de utilizar o corpo humano, os fatos de *educação* dominam. A noção de educação podia sobrepor-se à noção de imitação. Pois há crianças, em particular, que têm faculdades muito grandes de imitação, outras que as têm bem fracas, mas todas passam pela mesma educação, de sorte que podemos compreender a seqüência dos encadeamentos. O que se passa é uma imitação prestigiosa. A criança, como o adulto, imita atos que obtiveram êxito e que ela viu serem bem sucedidos em pessoas em quem confia e que têm autoridade sobre ela. O ato impõe-se de fora, do alto, ainda que seja um ato exclusivamente biológico e concernente ao corpo. O indivíduo toma emprestado a série de movimentos de que ele se compõe do ato executado à sua frente ou com ele pelos outros.

É precisamente nesta noção de prestígio da pessoa que torna o ato ordenado, autorizado e provado, em relação ao indivíduo imitador, que se encontra todo o elemento social. No ato imitador que segue, encontram-se todo o elemento psicológico e o elemento biológico.

Mas o todo, o conjunto, é condicionado pelos três elementos indissolavelmente misturados.

Tudo isso liga-se facilmente a um certo número de fatos de outra ordem. Em um livro de Elsdon Best, aqui chegado em 1925, encontra-se um notável documento sobre a maneira de andar da mulher maori (Nova Zelândia). (Não se diga que são primitivos: creio que, em certos aspectos, são superiores aos celtas e aos germânicos.) "As mulheres indígenas adotam um certo "gait" (a palavra inglesa é deliciosa): ou seja, um balanceamento destacado e, não obstante, articulado das ancas que nos parece desgracioso, mas que é extremamente admirado pelos maori. As mães adestravam (o autor diz "drill") as filhas nesta maneira de fazer o que se chama de "onioi". Ouvi mães dizerem às filhas [traduzo]: "tu não fazes o onioi", quando uma menina

esquecia de fazer esse balanceamento" (*The Maori*, I, pp. 408-9, cf. p. 135). Era uma maneira adquirida, e não uma maneira natural de andar. Em suma, talvez não exista "maneira natural" no adulto. Com mais forte razão quando outros fatos técnicos intervêm: no que tange a nós, o fato de andarmos com sapatos transforma a posição de nossos pés; quando andamos sem sapatos sentimos muito bem isso.

De um lado, esta mesma questão fundamental se colocava para mim, de um outro, a propósito de todas essas noções concernentes à força mágica, à crença na eficácia não só física, mas também moral, mágica e ritual de certos atos. Talvez eu esteja aqui ainda mais em meu terreno do que no terreno aventureiro da psicofisiologia dos modos de andar, pelo qual aventurei-me diante de vós. Eis aqui um fato mais "primitivo", australiano desta vez: uma fórmula de ritual de caça e de ritual de corrida ao mesmo tempo. Sabemos que o australiano consegue vencer por exaustão, na corrida, os cangurus, os casuares, os cachorros selvagens. Ele consegue tirar o gambá do alto de sua árvore, embora o animal ofereça uma resistência considerável. Um desses rituais de corrida, observado há cem anos, é o da corrida do cachorro selvagem, o dingo, nas tribos das cercanias de Adelaide. O caçador não pára de cantar a seguinte fórmula:

Dê-lhe com tufo de penas de águia (de iniciação, etc.),
 dê-lhe com o cinto,
 dê-lhe com a faixa da cabeça,
 dê-lhe com o sangue da circuncisão,
 dê-lhe com o sangue do braço,
 dê-lhe com os mênstruos da mulher,
 faça-o dormir, etc. (1)

Em uma outra cerimônia, a da caça ao gambá, o indivíduo leva na boca um pedaço de cristal de rocha (*kawemukka*), pedra mágica entre todas, e canta uma fórmula do mesmo gênero, e é assim que pode desaninhar o gambá, que pode trepar e permanecer suspenso por seu cinto na árvore, que pode cansar e afinal capturar e matar essa caça difícil.

As relações entre os procedimentos mágicos e as técnicas de caça são evidentes e demasiado universais para que insistamos nelas.

O fenômeno psicológico que constatamos nesse momento é evidentemente, do ponto de vista habitual do sociólogo, muito fácil de

(1) TEICHELHANN e SCHURMANN, *Outlines of a Grammar, Vocabulary, Sth.-Australia*, Adelaide, 1840. Repetido por EYRE, *Journal*, etc., II, p. 241.

compreender. Mas o que queremos salientar agora é a confiança, o *momentum* psicológico que se pode associar a um ato que é, antes de tudo, um fato de resistência biológica, obtido graças a palavras e a um objeto mágico.

Ato técnico, ato físico, ato mágico-religioso são confundidos pelo agente. São estes os elementos de que dispomos.

*
* *

Tudo isso não me satisfazia. Via como tudo poderia ser descrito, mas não organizado; não sabia que nome, que título dar a tudo isso.

Era muito simples, e eu precisava somente referir-me à divisão de atos tradicionais em técnicas e em ritos, que acredito fundamentada. Todos esses modos de agir eram técnicas; são as técnicas corporais.

Cometemos, e cometi durante muitos anos, o erro fundamental de só considerar que há técnica quando há instrumento. Cumpria voltar à noções antigas, aos dados platônicos sobre a técnica, como Platão falava de uma técnica da música e, em particular, da dança, e estender esta noção.

Chamo de técnica um ato *tradicional eficaz* (e vejam que, nisto, não difere do ato mágico, religioso, simbólico). É preciso que seja *tradicional e eficaz*. Não há técnica e tampouco transmissão se não há tradição. E nisso que o homem se distingue sobretudo dos animais: pela transmissão de suas técnicas e muito provavelmente por sua transmissão oral.

Permitam-me, pois, considerar que adotam minhas definições. Mas, qual é a diferença entre o ato tradicional eficaz da religião, o ato tradicional, eficaz, simbólico, jurídico, os atos da vida em comum, os atos morais, por um lado, e o ato tradicional das técnicas, por outro? É que este é sentido pelo autor *como um ato de ordem mecânica, física ou físico-química*, e é seguido com tal fim.

Nessas condições, é preciso dizer muito simplesmente: devemos lidar com *técnicas corporais*. O corpo é o primeiro e o mais natural instrumento do homem. O mais exatamente, sem falar de instrumento, o primeiro e mais natural objeto técnico, e ao mesmo tempo meio técnico do homem é seu corpo. De imediato, toda a grande categoria daquilo que, em sociologia descritiva, eu classificava como "diversos", desaparece desta rubrica e assume forma e corpo: sabemos onde encaixá-la.

Antes das técnicas com instrumentos, há o conjunto de técnicas corporais. Não exagero a importância desse gênero de trabalho, trabalho de taxonomia psico-sociológica. Mas ele é alguma coisa: a ordem posta em certas idéias, onde não havia ordem alguma. Mesmo no interior desse agrupamento de fatos, o princípio permitia uma classificação precisa. Esta adaptação constante a um fim físico, mecânico, químico (por exemplo, quando bebemos) é perseguida em uma série de atos montados, e montados no indivíduo não simplesmente por ele mesmo, mas por toda a sua educação, por toda a sociedade da qual ele faz parte, no lugar que ele nela ocupa.

E, ademais, todas essas técnicas encaixavam-se muito facilmente em um sistema que nos é comum: a noção fundamental dos psicólogos, sobretudo Rivers e Head, da vida simbólica do espírito; esta noção que temos da atividade da consciência como sendo, antes de tudo, um sistema de montagens simbólicas.

Não acabaria mais se quisesse mostrar todos os fatos que poderiam ser enumerados para evidenciar esse concurso do corpo e dos símbolos morais ou intelectuais. Olhemos, nesse momento, para nós mesmos. Tudo em nós todos é comandado. Estou como conferencista diante dos senhores e os senhores o vêem em minha postura sentada e em minha voz, e me escutam sentados e em silêncio. Temos um conjunto de atitudes permitidas ou não, naturais ou não. Assim, atribuiremos valores diferentes ao fato de olhar fixamente: símbolo de cortesia no exército, e de descortesia na vida corrente.

CAPÍTULO II

PRINCÍPIOS DE CLASSIFICAÇÃO DAS TÉCNICAS CORPORAIS

Dois coisas eram imediatamente aparentes a partir dessa noção de técnicas corporais: elas se dividem e variam por sexos e por idades.

1. *Divisão de técnicas corporais entre os sexos* (e não simplesmente divisão do trabalho entre os sexos). A coisa é bastante considerável. As observações de Yerkes e de Köhler sobre a posição dos objetos em relação ao corpo e em especial em relação ao regaço, no macaco, podem inspirar observações gerais sobre a diferença de atitudes dos corpos em movimento em relação aos objetos em movimento nos dois sexos. Sobre esse ponto, aliás, há observações clássicas no homem. Seria preciso completá-las. Tomo a liberdade de indicar a meus amigos psicólogos esta série de pesquisas. Tenho pouca competência e, por outro lado, não teria tempo. Tomemos a maneira de cerrar o punho. O homem normalmente cerra o punho com o polegar para fora, a mulher já o faz com o polegar para dentro; talvez por não ter sido educada para isso, mas estou certo de que, se a educassem, isso seria difícil. O soco, o golpear são moles. E todo o mundo sabe que o atirar da mulher, o arremesso de uma pedra, não só é mole, como também é sempre diferente do do homem: em plano vertical, em lugar de horizontal.

Talvez haja aqui o caso de duas instruções. Pois há uma sociedade de homens e uma sociedade de mulheres. Creio, entretanto, que talvez hajam também coisas biológicas e psicológicas a serem encontradas. Mas aqui, mais uma vez, o psicólogo sozinho poderá somente dar explicações duvidosas; daí a necessidade da colaboração de duas ciências vizinhas: fisiologia e sociologia.

2. *Variação das técnicas corporais com a idade*. A criança acocora-se normalmente. Nós não sabemos mais nos acocorar. Con-

sidero isso um absurdo e uma inferioridade de nossas raças, civilizações, sociedades. Um exemplo. Vivi na linha de frente com os australianos (brancos). Eles tinham sobre mim uma vantagem considerável. Quando nos detínhamos no lamaçal ou na água, eles podiam sentar-se sobre os calcanhares, repousar, e a "frota", como dizíamos, ficava sob seus calcanhares. Eu era obrigado a ficar de pé, de botas, com o pé na água. A posição acocorada é, em minha opinião, uma posição interessante que pode ser conservada em uma criança. O maior erro é privá-la disso. Toda a humanidade, exceto nossas sociedades, a conservou.

Ao que parece, aliás, na seqüência de idades da raça humana, esta postura mudou igualmente de importância. Recordam que, antigamente, considerava-se como sinal de degenerescência e arqueamento dos membros inferiores. Deu-se para esse traço racial uma explicação fisiológica. Aquele que Virchow considerava ainda como um desgraçado degenerado, e que não era nada menos que o homem de Neandertal, tinha as pernas arqueadas. É que ele vivia normalmente acocorado. Há, pois, coisas que acreditamos ser de ordem hereditária, mas que, na realidade, são de ordem fisiológica, psicológica e sociológica. Uma certa forma dos tendões, e mesmo dos ossos, não é outra coisa senão a decorrência de uma certa forma de se comportar e de se dispor. Isso é bastante claro. Por esse procedimento, é possível não só classificar as técnicas, como classificar suas variações por idade e por sexo.

Sendo dada esta classificação em relação à qual todas as classes da sociedade se dividem, podemos entrever uma terceira.

3. *Classificação das técnicas corporais em relação ao rendimento.* As técnicas corporais podem classificar-se em relação a seu rendimento, em relação aos resultados do treinamento. O treinamento, como a montagem de uma máquina, é a procura, a aquisição de um rendimento. Trata-se aqui de um rendimento humano. Essas técnicas são pois as normas humanas do treinamento humano. Os processos que aplicamos aos animais foram aplicados pelos homens voluntariamente a si mesmos e a seus filhos. Estes foram provavelmente os primeiros seres que foram assim treinados, que foi preciso primeiro domesticar, antes de todos os animais.

Eu poderia, por conseguinte, compará-las em certa medida — elas mesmas e suas transmissões — a treinamentos, e classificá-las por ordem de eficácia.

Coloca-se aqui a noção, muito importante tanto em psicologia

como em sociologia, de destreza. Mas, em francês, dispomos apenas de um termo ruim, "habile" (hábil), que traduz imperfeitamente a palavra latina "habilis", bem melhor para designar as pessoas que possuem o sentido da adaptação de todos os seus movimentos bem coordenados aos fins, que têm hábitos, que "sabem fazer" algo. É a noção inglesa de "craft", de "clever" (destreza e presença de espírito, hábil), é a habilidade em algo. Mais uma vez estamos bem no domínio da técnica.

4. *Transmissão da forma das técnicas.* Último ponto de vista: sendo o ensino das técnicas essencial, podemos classificá-las em relação à natureza desta educação e deste treinamento. E eis um novo campo de estudos: inúmeros detalhes inobservados, e cuja observação é preciso fazer, compõem a educação física de todas as idades e dos dois sexos. A educação da criança é repleta daquilo que chamamos de detalhes, mas que são essenciais. Seja o problema do ambidestramento, por exemplo: observamos mal os movimentos da mão direita e da mão esquerda, e sabemos pouco sobre como são todos eles aprendidos. Reconhecemos à primeira vista um muçulmano piedoso: mesmo que ele tenha garfo e faca nas mãos (o que é raro), fará o possível e o impossível para servir-se apenas com a mão direita. Ele não deve tocar jamais na comida com a mão esquerda, nem em certas partes do corpo com a direita. Para saber porque ele fez este gesto, e não aquele outro, não basta nem a fisiologia nem a psicologia da dissimetria motriz no homem; é preciso conhecer as tradições que lhe impuseram. Robert Hertz colocou muito bem este problema⁽¹⁾. Mas reflexões desse gênero ou de outros podem aplicar-se a tudo que é escolha social de princípios de movimentos.

Convém estudar todos os modos de treinamento, de imitação e, em particular, essas maneiras fundamentais que podemos chamar de modo de vida, o *modus*, o *tonus*, a "matéria", as "maneiras", o "jeito".

Expusemos aqui uma primeira classificação, ou antes, quatro pontos de vista.

(1) *La prééminence de la main droite.* Reimpresso em *Mélanges de Sociologie religieuse et de folklore*, Alcan.

CAPÍTULO III

ENUMERAÇÃO BIOGRÁFICA DAS TÉCNICAS CORPORAIS

Uma classificação inteiramente distinta, não direi mais lógica, é porém mais fácil para o observador. É uma enumeração simples. Eu havia planejado apresentar uma série de pequenos quadros, como fazem os professores americanos. Iremos, simplesmente, seguir aproximadamente as idades do homem, a biografia normal de um indivíduo, para classificar as técnicas corporais que se referem a ele ou que lhes são ensinadas.

1. *Técnicas do nascimento e da obstetrícia.* Os fatos são relativamente mal conhecidos, e muitas informações clássicas são discutíveis ⁽¹⁾. Entre as boas, acham-se as de Walter Roth, a propósito de tribos australianas de Queensland e da Guiana Inglesa.

As formas da obstetrícia são muito variáveis. Buda nasceu estando sua mãe, Mãya, agarrada, reta, a um ramo de árvore. Ela deu à luz em pé. Boa parte das mulheres da Índia ainda dão à luz desse modo. Coisas que acreditamos normais, isto é, o parto na posição deitada sobre as costas, não são mais normais do que as demais; por exemplo, as posições de quatro. Há técnicas de parto tanto para a mãe, como para seus auxiliares; para a retirada da criança, ligadura e secção do cordão; para os cuidados com a mãe e com a criança. Temos aí várias questões bastante consideráveis. E aqui estão outras: a escolha da criança, a exposição dos defeituosos, a morte dos gêmeos são momentos decisivos na história de uma raça. Na história antiga, bem como em outras civilizações, o reconhecimento da criança é um acontecimento capital.

2. *Técnicas da infância. — Criação e alimentação da criança.*

(1) Mesmo as últimas edições de Ploss, *Das Weib* (edições de Bartels, etc.), deixam a desejar sobre esse ponto.

Atitudes dos dois seres em relação à mãe e ao filho. Consideremos o filho: a sucção, etc., o transporte, etc. A história do transporte é muito importante. A criança carregada junto da pele de sua mãe durante dois ou três anos tem uma atitude inteiramente diferente face à mãe do que uma criança não carregada (2); ela tem um contato com a mãe inteiramente diferente das crianças entre nós. Ela pendura-se ao pescoço, aos ombros, escarrancha-se na anca. É uma ginástica notável, essencial para toda a vida. E, para a mãe, é uma outra ginástica carregá-la. Parece mesmo que há aqui o nascimento de estados psíquicos desaparecidos em nossas crianças. Há contatos de sexos e de peles, etc.

Desmame. Leva muito tempo, para ser feito geralmente demora de dois a três anos. É obrigatório amamentar, e, às vezes, essa obrigação de amamentar estende-se até mesmo a animais. A mulher demora muito para perder o leite. Há, além disso, relações entre o desmame e a reprodução, interrupções da reprodução durante o desmame (3).

A humanidade pode muito bem dividir-se em pessoas que usaram berço e pessoas que não usaram berço. Pois há técnicas corporais que supõem um instrumento. Nos povos que utilizam o berço, incluem-se quase todos os povos dos dois hemisférios norte, os da região andina e certo número de populações da África central. Nesses dois últimos grupos, o uso do berço coincide com a deformação craniana (que, talvez, possua graves conseqüências fisiológicas).

A criança após o desmame. Ela sabe comer e beber; é educada para andar; exercita a visão, a audição; ritmo, forma e movimento, o que é feito quase sempre pela dança e pela música.

Recebe noções e costumes de relaxamento, de respiração. Adota certas posturas, que amiúde lhe são impostas.

3. *Técnicas da adolescência.* Observa-se sobretudo no homem. Torna-se menos importantes entre as moças das sociedades para cujo estudo é destinado um curso de etnologia. O grande momento da educação corporal é, com efeito, o da iniciação. Imaginemos, em virtude do modo como nossos filhos e filhas são criados, que uns e outros adquiram as mesmas maneiras e posturas, e que recebam em

toda parte o mesmo treinamento. Esta idéia já é errônea entre nós — e é totalmente falsa nos povos chamados de primitivos. Além disso, descrevemos os fatos como se tivesse sempre e por toda parte existido algo do gênero da nossa escola, que começa muito cedo e deve proteger e treinar a criança para a vida. A regra é o contrário. Por exemplo: em todas as sociedades negras, a educação do menino intensifica-se em sua puberdade, enquanto que a das mulheres permanece, por assim dizer, tradicional. Não há escola para as mulheres. Estas estão na escola de suas mães e formam-se constantemente aí para passarem, salvo exceções, diretamente ao estado de esposas. A criança de sexo masculino entra na sociedade dos homens, onde aprende sua ocupação, e sobretudo sua ocupação militar. Entretanto, tanto para os homens como para as mulheres, o momento decisivo é o da adolescência. É nesse momento que aprenderão definitivamente as técnicas corporais que conservarão por toda a idade adulta.

4. *Técnicas da idade adulta.* Para inventariar estas, podemos seguir os diversos momentos do dia quando se repartem os movimentos coordenados e parados.

Podemos distinguir o sono e a vigília, e, na vigília, o repouso e a atividade.

1. *Técnicas do sono.* A noção de que o dormir é algo natural é completamente inexata. Posso dizer-lhe que a guerra ensinou-me a dormir em toda parte, sobre montes de pedras por exemplo, mas que nunca pude mudar de leito sem ter um momento de insônia: somente no segundo dia eu adormecia rapidamente.

O que é muito simples é que é possível distinguir as sociedades que nada têm para dormir, salvo "a dura", e outros que recorrem a instrumentos. A "civilização por 15º de latitude", de que fala Graebner (4), caracteriza-se, entre outros costumes, por dormir com um banco sob a nuca. O parapeito é muitas vezes um totem, às vezes esculpido com figuras agachadas de homens, de animais totêmicos. Há povos de esteira e povos sem esteira (Ásia, Oceânia, uma parte da América). Há povos de travesseiro e povos sem travesseiro. Há populações que se põem comprimidas em círculo para dormir em torno do fogo, ou mesmo sem fogo. Há maneiras primitivas de se aquecer e de aquecer os pés. Os fueguinos, que vivem em um lugar muito frio, sabem aquecer somente os pés no momento de dormir, tendo uma única cobertura de pele (guanaco). Há, enfim, o sono de pé. Os masai podem

(2) Começam a ser publicadas observações sobre esse ponto.

(3) A grande coleção de fatos reunidos por Ploss, refeita por Bartels, é satisfatória no que se refere a esse ponto.

(4) GRAEBNER, *Ethnologie*, Leipzig, 1923.

dormir de pé. Eu dormi em pé, na montanha. Muitas vezes dormi a cavalo, por vezes mesmo em marcha: o cavalo era mais inteligente do que eu. Os antigos historiadores que trataram das invasões, representavam os hunos e mongóis dormindo a cavalo. Isso ainda é verdadeiro, e os cavaleiros, ao dormir, não detêm a marcha dos cavalos.

Há os costumes do cobertor. Povos que dormem cobertos e não cobertos. Existe a maca e a maneira de dormir suspenso.

Eis uma grande quantidade de práticas que são ao mesmo tempo técnicas corporais e que são profundas em influências e efeitos biológicos. Tudo isso pode e deve ser observado na área que lhe é própria, estando ainda centenas dessas coisas por serem conhecidas.

2. *Vigília: Técnicas do repouso.* O repouso pode ser um repouso perfeito ou um simples descanso: deitado, sentado, acocorado, etc. Tentem acocorar-se. Vejam a tortura que lhes inflingirá, por exemplo, uma refeição marroquina feita segundo todos os ritos. A maneira de sentar é fundamental. Podem distinguir a humanidade acocorada e a humanidade sentada. E, nesta, distinguir os povos de bancos e os povos sem bancos e estrados; os povos de assento e os povos sem assento: o assento de madeira conduzido por figuras acocoradas é difundido, coisa bastante notável, em todas as regiões a 15 graus de latitude norte e do Equador dos dois continentes⁽⁵⁾. Há povos que têm mesas e povos que não as têm. A mesa, a "trapeza" grega, está longe de ser universal. Normalmente, ainda é um tapete ou uma esteira, em todo o Oriente. Tudo isso é bastante complicado, pois esses repousos comportam a refeição, a conservação, etc. Certas sociedades repousam em posições singulares. Assim é que toda a África nilótica e uma parte da região do Tchad, até Tanganica, são povoadas por homens que se colocam sobre uma só perna para repousar. Um certo número consegue ficar sobre um único pé sem mais nada, outros apóiam-se sobre um bastão. São verdadeiros traços de civilizações, comuns a um grande número, a famílias inteiras de povos, que formam essas técnicas de repouso. Nada parece mais natural a psicólogos; não sei se eles compartilham inteiramente a minha opinião, mas acredito que essas posturas na savana são uma decorrência da altura das ervas, da função de pastor, de sentinela, etc.; dificilmente serão adquiridas por educação e conservadas.

Há o repouso ativo, geralmente estético; assim, é frequente a dança no repouso, etc. Voltaremos a isso.

3. *Técnicas da atividade, do movimento.* Por definição, o re-

posou é a ausência de movimentos, e o movimento, a ausência de repouso. Segue abaixo uma pura e simples enumeração.

Movimentos do corpo inteiro: rastejar, pisar, andar. *O andar:* *habitus* do corpo em pé andando, respiração, ritmo do andar, balanço dos punhos, dos cotovelos, progressão com o tronco à frente do corpo ou avançando com os dois lados do corpo alternativamente (fomos habituados a avançar com todo o corpo de uma vez). Pés para fora, pés para dentro. Extensão da perna. Rimo-nos do "passo de ganso". É o meio para o exército alemão obter o máximo de extensão da perna, dado, sobretudo, que o conjunto dos homens do norte, de pernas altas, gostam de tornar o passo o mais longo possível. Por falta desses exercícios, grande número de nós, na França, ficamos de certa medida cambados do joelho. Eis uma dessas idiosincrasias que são ao mesmo tempo da raça, de mentalidade individual e de mentalidade coletiva. As técnicas como as da meia-volta são as mais curiosas. A meia-volta "por princípio" à inglesa é tão diferente da nossa que exige todo um estudo para ser aprendida.

Corrida. Posição do pé, posição do braço, respiração, magia da corrida, resistência. Vi, em Washington, o chefe da confraria do fogo dos índios hopi que vinha, com quatro de seus homens, protestar contra a proibição de servir certas bebidas alcoólicas em suas cerimônias. Certamente era o melhor corredor do mundo. Fizera 250 milhas sem parar. Todos esses pueblo estão acostumados a altos feitos físicos de toda espécie. Hubert, que os vira, comparava-os fisicamente aos atletas japoneses. Esse mesmo índio era um dançarino incomparável.

Enfim, chegamos às técnicas de repouso ativo que não respeitam simplesmente à estética, mas também a jogos corporais.

Dança. Talvez tenham assistido às lições de von Hornbostel e de Curt Sachs. Recomendo-lhes a belíssima história da dança desse último⁽⁶⁾. Admito a divisão feita por ele de danças em repouso e de danças em ação. Admito menos, talvez, a hipótese que fazem sobre a repartição dessas danças. São vítimas do erro fundamental no qual vive uma parte da sociologia. Haveria sociedades de descendência exclusivamente masculina e outras de descendência uterina. Um, feminilizadas, dançariam de preferência no lugar; outras, de descendência masculina, concentrariam seu prazer no deslocamento.

Curt Sachs classificou melhor essas danças extrovertidas e danças introvertidas. Estamos em plena psicanálise, provavelmente bastante fundamentada aqui. Na verdade, o sociólogo deve ver as coisas de

(5) Essa é uma das boas observações de GRAEBNER, *ibid.*

(6) Curt SACHS, *Weltgeschichte des Tanzes*, Berlin, 1933.

uma maneira mais complexa. Assim, os polinésios, e os maori em particular, saracoteiam muito, sem sair do lugar, ou deslocam-se muito quando têm espaço para fazê-lo.

Devem-se distinguir a dança dos homens e das mulheres, amiúde opostas.

Enfim, é preciso saber que a dança enlaçada é um produto da civilização moderna da Europa. O que demonstra que coisas inteiramente naturais para nós são históricas. Aliás, elas são objeto de horror para o mundo inteiro, exceto para nós.

Passo às técnicas corporais que cumprem mesmo a função de atividade e, em parte, de atividades ou técnicas mais complexas.

Salto. Assisimos à transformação da técnica do salto. Todos nós saltamos de um trampolim e, mais uma vez, de frente. Felizmente isso deixou de ser feito. Atualmente saltamos, felizmente, de lado. Salto em altura, largura, profundidade. Salto de posição, salto de vara. Aqui, reencontraremos os temas de reflexão de nossos amigos Köhler, Guillaume e Meyerson: a psicologia comparada do homem e dos animais. Deixo de falar do assunto. Essas técnicas variam ao infinito.

Escalar. Posso dizer-lhes que, embora seja péssimo para subir em árvores, sou passável na montanha e no rochedo. Diferença de educação, por conseguinte, de método.

Um método de subir na árvore com o cinto cingido a árvore e o corpo é capital entre todos os chamados primitivos. Ora, entre nós não temos sequer o emprego deste cinto. Vemos o trabalhador dos telégrafos subir apenas com seus grampos e sem cinto. O processo deveria ser-lhe ensinado⁽⁷⁾.

A história dos métodos de alpinismo é realmente notável. Ela fez progressos fabulosos durante minha existência.

Descer. Não há nada mais vertiginoso do que ver um Kabyle descer com babuchas. Como pode equilibrar-se sem perder as babuchas? Tentei ver, fazer, não compreendo.

Tampouco compreendo como as senhoras conseguem andar com saltos altos. Assim, há tudo a observar, e não apenas a comparar.

Natação. Já vos disse o que penso a respeito. Mergulhar, nadar; utilização de meios suplementares: bóias, pranchas, etc. Estamos na pista da invenção da navegação. Encontro-me entre aqueles que criticaram o livro de Rougé sobre a Austrália, mostraram seus plágios e cheguei a acreditar em suas graves inexatidões. Com tantos outros,

(7) Acabo de vê-lo enfim utilizado (primavera de 1935).

reputei como fábula seu relato: eles haviam visto grandes tartarugas do mar cavalgadas pelo niol-niol (W. Austrália N.). Ora, temos hoje excelentes fotografias em que se vêem essas pessoas cavalgarem tartarugas. Da mesma maneira, a história do pedaço de madeira sobre o qual se nada foi notada por Rattray para os ashanti (vol. I). Ademais, ela é certa para os indígenas de quase todas as lagoas da Guiné, de Porto-Novo, de nossas próprias colônias.

Movimentos de força. Empurrar, puxar, levantar. Todo mundo sabe o que é um *coup de rein*. É uma técnica aprendida, e não uma simples série de movimentos.

Lançar, atirar ao ar, na superfície, etc.; o modo de segurar, nos dedos, o objeto a ser arremessado é notável e comporta grandes variações.

Segurar. Segurar com os dentes. Uso dos dedos do pé, das axilas, etc.

Todo este estudo dos movimentos mecânicos foi bem iniciado. É a formação de pares mecânicos com o corpo. Lembrem-se bem da grande teoria de Reulaux sobre a formação desses pares. E recordamos aqui o grande nome de Farabeuf. Quando me sirvo do punho, e com mais forte razão desde que o homem teve nas mãos "o soco de pedra chellense", formam-se "pares".

Aqui, colocam-se todas as proezas manuais, a prestidigitação, o atletismo, a acrobacia, etc. Devo confessar que tive, e ainda não deixei de ter, a maior admiração pelos prestidigitadores e ginastas.

4. *Técnicas de cuidados corporais. Esfregamento, lavagem, ensaboamento.* Esse dossiê é praticamente de ontem. Os inventores do sabão não foram os antigos, que não se ensaboavam. Foram os gauleses. E, por outro lado, independentemente, toda a América Central e do Sul (nordeste) ensaboava-se com o pau-brasil, donde o nome desse império.

Cuidados da boca. Técnica de tossir e de cuspir. Eis uma observação pessoal. Uma menina não sabia cuspir e cada catarro que tinha era agravado por isso. Fui informado do fato. Na aldeia de seu pai e na família de seu pai em particular, em Berry, não sabem cuspir. Ensinei-lhe a cuspir. Dava-lhe vinte centavos por cada cuspada. Como ela tinha vontade de ter uma bicicleta, aprendeu a cuspir. Foi a primeira da família a saber fazê-lo.

Higiene das necessidades naturais. Poderia enumerar aqui inúmeros fatos.

5. *Técnica do consumo. Comer.* Decerto estão lembrados da

anedota do xá da Pérsia, repetida por Höföding. O xá, convidado de Napoleão III, comia com os dedos; o imperador insistiu para que ele se servisse de um garfo de ouro. "Não sabe o prazer que está perdendo", respondeu-lhe o xá.

Ausência e uso da faca. Um grave erro foi de fato o de Mac Gee, que acreditou ter observado que os seri (quase ilha de Madeleine, Califórnia), por serem desprovidos do uso da faca, eram os mais primitivos dos homens. Eles não têm faca para comer, é tudo.

Beber. É muito útil ensinar às crianças a beberem na própria fonte, do jato, etc.; ou em vestígios de água, etc., a beber sem tocar com os lábios no copo, etc.

6. *Técnicas da reprodução.* Nada é mais técnico do que as posições sexuais. Pouquíssimos autores tiveram a coragem de falar deste assunto. É preciso ser grato a Krauss por ter publicado sua grande coleção de *Anthropophyteia*. Consideremos, por exemplo, a técnica da posição sexual que consiste no seguinte: a mulher tem as pernas suspensas pelos joelhos nos cotovelos do homem. É uma técnica *específica* de todo o Pacífico, desde a Austrália até o Peru, passando pelos estreitos de Behring — e, por assim dizer, muito rara em outros lugares.

Há todas as técnicas de atos sexuais normais e anormais. Contatos por sexo, mistura de hálitos, beijos, etc. Aqui, as técnicas e a moral sexuais estão em íntima ligação.

7. Há, enfim, as *técnicas dos cuidados, do anormal*: massagens, etc. Mas passemos adiante.

CAPÍTULO IV

CONSIDERAÇÕES GERAIS

Talvez questões gerais sejam para os senhores mais interessantes do que essas enumerações de técnicas que tratei por longo tempo.

O que ressalta com muita clareza destas, é que estamos em toda parte em presença de montagens fisio-psico-sociológicas de várias séries de atos. Esses atos são mais ou menos habituais e mais ou menos antigos na vida do indivíduo e na história da sociedade.

Vamos mais longe: uma das razões pelas quais essas séries podem ser montadas mais facilmente no indivíduo é, precisamente, o fato de serem montadas pela e para a autoridade social. Quando eu era cabo, ensinava a razão do exercício em formação cerrada, a marcha por quatro e no passo. Proibia-lhes que marchassem no passo e que se pusessem em formação e em duas filas por quatro, e obrigava o esquadrão a passar entre duas árvores do pátio. Eles andavam uns por cima dos outros. Perceberam que o que lhes mandavam fazer não era tão tolo assim. Há em todo o conjunto da vida em grupo uma espécie de educação dos movimentos em formação cerrada.

Em toda sociedade, todos sabem e devem saber ou aprender aquilo que devem fazer em todas as condições. Naturalmente, a vida social não é isenta de estupidez e de anormalidades. O erro pode ser um princípio. A marinha francesa há pouco tempo começou a ensinar seus marinheiros a nadar. Mas exemplo e ordem — eis o princípio. Há pois uma forte causa sociológica para todos esses fatos. Dar-me-ão, espero, razão.

Por outro lado, visto que são movimentos corporais, tudo supõe um enorme aparelho biológico, fisiológico. Qual é a espessura da roda de engrenagem psicológica? Disse propositalmente roda de engrenagem. Um comtiano diria que não há intervalo entre o social e o biológico. O que posso dizer-lhes é que vejo aqui os fatos psicológicos como engrenagem e que não os vejo como causas, salvo nos momentos

de criação ou de reforma. Os casos de invenção, de posições de princípios são raros. Os casos de adaptação são uma coisa psicológica individual. Mas são geralmente comandados pela educação, e pelo menos pelas circunstâncias da vida em comum, do contato.

Por outro lado, há duas grandes questões, na ordem do dia da psicologia: a da capacidade individual, da orientação técnica, e a da característica, da biotipologia, que podem concorrer para esta breve investigação que acabamos de fazer. Os grandes progressos da psicologia nos últimos tempos não foram feitos, em minha opinião, a propósito de nenhuma das pretensas faculdades da psicologia, mas em psicotécnica, e na análise de "todos" psíquicos.

Aqui o etnólogo encontra as sérias questões das possibilidades psíquicas desta ou daquela raça e de tal ou qual biologia deste ou daquele povo. Essas são questões fundamentais. Acredito que também aqui, não importa o que pareça, estamos em presença de fenômenos bio-sociológicos. Acredito que a educação fundamental de todas essas técnicas consiste em fazer adaptar o corpo a seu emprego. Por exemplo, as grandes provas de estoicismo, etc., que constituem a iniciação na maior parte da humanidade, têm por fim ensinar o sangue-frio, a resistência, a seriedade, a presença de espírito, a dignidade, etc. A principal utilidade que vejo em meu alpinismo de outrora foi esta educação de meu sangue-frio que me permite dormir em pé sobre a menor plataforma à beira de um abismo.

Acredito que toda esta noção de educação de raças que se selecionam em vista de um rendimento determinado é um dos momentos fundamentais da própria história: educação da vista, educação do andar — subir, descer, correr. Ela consiste, em particular, na educação do sangue-frio. E este é, antes de tudo, um mecanismo de retardamento, de inibição de movimentos desordenados; esse retardamento permite uma resposta posteriormente coordenada de movimentos coordenados, partindo então na direção do fim escolhido. Esta resistência à emoção avassaladora é algo de fundamental na vida social e mental. Ela separa entre si — e chega a classificar — as sociedades ditas primitivas: conforme as reações sejam mais ou menos brutais, irrefletidas, inconscientes, ou, ao contrário, isoladas, precisas, comandadas por uma consciência clara.

É graças à sociedade que há uma intervenção da consciência. Não é graças à inconsciência que há uma intervenção da sociedade. É graças à sociedade que há segurança de movimentos prontos, domínio do consciente sobre a emoção e a inconsciência. É por essa razão

que a marinha francesa obrigará seus marinheiros a aprenderem a nadar.

Daí chegaríamos facilmente a problemas muito mais filosóficos.

Não sei se prestaram atenção ao que nosso amigo Granet já indicou acerca de suas importantes pesquisas sobre as técnicas do taoísmo, as técnicas corporais, da respiração em particular. Fiz muitos estudos nos textos sânscritos da Ioga para saber que os mesmos fatos se encontram na Índia. Acredito que, precisamente, há, mesmo no fundo de todos nossos estados místicos, técnicas corporais que não estudamos e que foram perfeitamente estudadas pela China e pela Índia desde épocas muito antigas. Este estudo socio-psicobiológico da mística deve ser feito. Penso que há necessariamente meios biológicos de entrar em "comunicação com Deus". Enfim, embora a técnica da respiração, etc. seja o ponto de vista fundamental apenas na Índia e na China, acredito que esteja espalhada de uma forma muito mais geral. Em todo caso, temos acerca desse ponto meios para compreender um grande número de fatos que não compreendemos até agora. Acredito até que todas as descobertas recentes em reflexoterapia mereçam atenção de nós, sociólogos, depois da dos biólogos e dos psicólogos... muito mais competentes do que nós.